

Fédora do Rego Monteiro e o acesso feminino ao ensino da arte em Pernambuco

CARLOS HENRIQUE ROMEU CABRAL³⁵
INSTITUTO FEDERAL DE PERNAMBUCO

Resumo

Este artigo aborda a trajetória artística da pernambucana Fédora do Rego Monteiro durante os últimos anos do século XIX e as primeiras décadas do século XX. Através do estudo sobre a formação artística recebida por essa pintora é possível observar uma estreita relação entre a sua poética e o processo de introdução das artistas brasileiras nos espaços educativos dedicados ao ensino da arte. O estudo sobre as estratégias e os caminhos adotados por Fédora, relativos à sua formação/atuação como artista e como arte educadora, indicam a possibilidade de uma contribuição salutar para a construção dos primeiros capítulos da história da arte educação no estado de Pernambuco, através de novas informações que evidenciam as dificuldades e as contribuições da mulher artista no campo do ensino da arte em Recife.

Palavras-chave: Fédora do Rego Monteiro, ensino da arte, acesso, mulheres, Pernambuco

Résumé

Cet article aborde la trajectoire artistique de la pernamboucainne Fédora do Rego Monteiro entre les dernières années du XIX^{ème} siècle et les premières décennies du XX^{ème} siècle. À travers l'étude de la formation artistique reçue par

35 Doutor em História da Arte pela Université Toulouse II, membro pesquisador do Laboratoire France, Amériques, Espagne, Sociétés, Pouvoirs, Acteurs (FRAMESPA), professor do Instituto Federal de Pernambuco (IFPE) e coordenador do Comitê de História, Teoria e Crítica de Arte da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas (ANPAP). E-mail: carlos.cabral@olinda.ifpe.edu.br ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7399-7292>

cette peintre, il est possible de constater une relation étroite entre sa poétique et le processus d'introduction des artistes brésiliennes dans les espaces dédiés à l'enseignement artistique. L'étude sur les stratégies adoptées et les chemins parcourus par Fédora, en relation avec sa formation/activité d'artiste et d'enseignante, indiquent la possibilité d'une contribution vers la construction des premiers chapitres de l'histoire de l'éducation artistique dans l'état du Pernambouc, au travers de nouvelles informations qui révèlent les difficultés et les apports de la femme artiste dans le champ de l'enseignement artistique à Recife.

Mots-clés : Fédora do Rego Monteiro, éducation artistique, accès, femmes, Pernambouc

Particularizando-se o caso de Pernambuco, muito pouco se sabe sobre as artistas atuantes fora do eixo hegemônico brasileiro (leia-se Rio de Janeiro/São Paulo). A raridade das fontes primárias, o pouco interesse até poucos anos atrás em relação à produção artística do século XIX, a implantação tardia do ensino sistemático da Escola de Belas Artes de Recife, o ainda recente interesse pela produção da mulher artista, enfim, todas essas circunstâncias, reduziram o universo de pesquisa e a rara historiografia sobre a produção artística feminina. Em Pernambuco, os poucos registros sobre sua presença jazem, em sua maior parte, soterrados em arquivos desorganizados (quando existentes) esperando historiadores da arte (raros ainda hoje na região) que os localizem e resgate (Zaccara, 2011).

Partindo das afirmações apresentadas pela historiadora da arte Madalena Zaccara, ao contextualizar o cenário da pesquisa sobre artistas mulheres pernambucanas, esta pesquisa se inicia, tendo como principal desafio o de investigar a trajetória de Fédora do Rego Monteiro, sua poética e suas relações com a educação artística em Pernambuco, considerando todas as dificuldades apontadas pela historiadora.

Os caminhos percorridos por esta pesquisa reproduzem o itinerário efetuado pelo seu objeto de estudo. Recife, Rio de Janeiro e Paris, são cidades que se apresentam neste trabalho como um vasto terreno de pesquisa, detentoras de diversas pistas sobre a trajetória humana da artista e arte educadora Fédora do Rego Monteiro ou D. Fédora Monteiro Fernandes (nome de casada). São lugares que nos levam em direção à diversos processos de circulação de ideias, obras, preconceitos e lutas, que se interligam, se cruzam e se chocam em um contexto transatlântico marcado pela misoginia e pelo patriarcalismo presentes nas esferas artísticas e educativas entre o final do século XIX e início do século XX.

No intuito de reconstruir a trajetória artística de Fédora do Rego Monteiro

e compreender a sua importância dentro da construção dos primeiros capítulos da arte educação em Pernambuco, diversas instituições foram visitadas dos dois lados do Atlântico. No Brasil, o Museu de Arte Moderna Aloisio Magalhaes, o Museu do Estado de Pernambuco, o Instituto de Arte Contemporânea da Universidade Federal de Pernambuco e a coleção de pinturas do Palácio do Campo das Princesas, situados em Recife, se apresentam como as principais fontes de acesso público detentoras dos trabalhos plásticos efetuados por Fédora, reunidos um conjunto de seis telas no total. Fora das grandes coleções públicas dedicadas à arte moderna brasileira, alguns poucos trabalhos de Fédora foram localizados dentro de coleções privadas, dentre as quais, em Pernambuco encontra-se a coleção de pinturas dos descendentes da pintora, seus netos os irmãos Rosa Maria Rangel Romaguera, Maria Romaguera e Luiz Antonio Romaguera. Em São Paulo, foi possível também localizar uma tela da artista na coleção de Luiz Fernando da Costa e Silva. Ainda no Brasil, merecem destaque nesta pesquisa, as contribuições do Memorial Denis Bernardes da Universidade Federal de Pernambuco, detentor dos arquivos da Escola de Belas Artes do Recife, onde Fédora atuou como professora por mais de duas décadas e da Hemeroteca Digital Brasileira, organizada pela Fundação Biblioteca Nacional. Essa importante ferramenta de pesquisa tornou possível a realização de um mergulho dentro dos principais periódicos nacionais que veicularam notícias sobre Fédora Rego Monteiro, desde o seu nascimento até a sua morte. Esses dados revelaram informações necessárias para a compreensão dos processos de circulação e recepção crítica da artista e de seus trabalhos, bem como, informações sobre a formação artística recebida por Fédora do Rego Monteiro e sua atuação como professora em diferentes espaços educativos situados em Recife.

Na França, os arquivos sobre Fédora situados na cidade de Pierrefitte-sur-Seine, administrados pelos Archives Nationales, foram também importantes para a realização da coleta de dados. Nessa instituição, o fundo documental da *Académie Julian* revelou diversas informações sobre o percurso de formação educacional desenvolvido pela artista Rego Monteiro, como por exemplo, os ateliês frequentados e o tempo de permanência como estudante matriculada na referida instituição.

Os arquivos consultados e os dados processados revelam importantes informações sobre Fédora do Rego Monteiro e contribuem para o desenvolvimento de um estudo que relaciona a trajetória dessa artista com o processo de introdução das mulheres artistas brasileiras dentro dos espaços educativos institucionais dedicados ao ensino da arte, bem como sua contribuição com o desenvolvimento da arte-educação no estado de Pernambuco.

Fédora e a educação artística domiciliar

Nascida em 3 de fevereiro de 1889 em Recife, Fédora do Rego Monteiro manteve um profundo relacionamento com as artes visuais desde a sua infância, principalmente com a pintura, uma paixão à qual se dedicou ao longo de toda a sua vida. Sua carreira como artista foi marcada por uma série de transformações, deslocamentos, movimentos, e desafios pessoais que influenciaram diretamente a sua construção como artista, como educadora e como mulher.

Agraciada com uma educação burguesa custeada pelos seus pais, o representante da empresa têxtil Havendish & Co. sr. Ildefonso do Rego Monteiro e sua esposa D. Elisa Cândida Figueiredo Melo do Rego Monteiro, prima em terceiro grau dos pintores Pedro Américo de Figueiredo e Aurélio de Figueiredo, a primogênita do casal teve a oportunidade de usufruir, assim como os seus irmãos José, Vicente, Debora e Joaquim do Rego Monteiro, de um projeto educacional refinado, complexo e ambicioso, que objetivava o oferecimento de uma formação educativa e cultural de excelência para toda a prole Rego Monteiro.

Durante a sua infância Fédora iniciou os seus estudos artísticos tendo aulas particulares de desenho e de pintura em sua própria residência. Esse tipo de espaço foi frequentemente adotado como um ambiente de aprendizagem pelas famílias abastadas pernambucanas durante o século XIX, como comenta a historiadora Maria Beatriz Monteiro Guimarães:

Um outro lugar de educação que acaba por cumprir uma função que não lhe é muito própria são os interiores das casas nas cidades e nos engenhos. Aqui, o lugar de instrução funde num mesmo ambiente atividades pertencentes à esfera pública com as singularidades do lugar doméstico, esfera privada. Nos “lares da educação”, transitavam, creio eu, meninas e meninos brancos que provavelmente deveriam ser os mais abastadas financeiramente, considerando o fato de essas aulas serem particulares, tinham professores e professoras contratados e pagos pelas famílias que encaminhavam seus filhos e filhas para esses espaços ou traziam os mestres e mestras até suas residências (Guimarães, 2002: 155).

Desprovida de instituições educativas voltadas para o ensino da arte durante todo o século XIX, além das aulas particulares, a cidade de Recife não apresentava nenhuma alternativa de formação para os filhos e filhas da elite pernambucana que se dirigiam para as artes plásticas. No caso das mulheres, a abertura do ensino da arte em Pernambuco deu-se apenas durante as primeiras décadas do século XX, através da criação das Escolas Profissionais mistas, que ofereceram ao



sexo feminino a possibilidade de desenvolverem uma formação artística voltada às artes domésticas. (Zaccara, 2017: 40).

As primeiras lições de desenho e de pintura recebidas por Fédora foram ministradas pelo pintor e fotógrafo Louis Piereck, natural de São Paulo, residente na capital pernambucana e proprietário do estúdio Photo-Piereck, fundado em Recife no ano de 1892 (Diário de Pernambuco, 1917: 05). Essas lições foram baseadas em uma metodologia focada na reprodução de modelos imagéticos que circulavam na capital de Pernambuco, essencialmente através de cartões postais, um dos principais veículos para a difusão de imagens policromadas no Nordeste do Brasil durante o final do século XIX e início do século XX. Como podemos observar na figura 1, o resultado desses primeiros exercícios pictóricos desenvolvidos por Fédora resultaram em uma produção visual ligada ao gênero do retrato, caminho percorrido e exercido pela artista com maestria durante todo a sua trajetória artística³⁶.

Particularizando-se o caso de Pernambuco, muito pouco se sabe sobre as artistas atuantes fora do eixo hegemônico brasileiro (leia-se Rio de Janeiro/São Paulo). A raridade das fontes primárias, o pouco interesse até poucos anos atrás em relação à produção artística do século XIX, a implantação tardia do ensino sistemático da Escola de Belas Artes de Recife, o ainda recente interesse pela produção da mulher artista, enfim, todas essas circunstâncias, reduziram o universo de pesquisa e a rara historiografia sobre a produção artística feminina. Em Pernambuco, os poucos registros sobre sua presença jazem, em sua maior parte, soterrados em arquivos desorganizados (quando existentes) esperando historiadores da arte (raros ainda hoje na região) que os localizem e resgate (Zaccara, 2011).

Partindo das afirmações apresentadas pela historiadora da arte Madalena Zaccara, ao contextualizar o cenário da pesquisa sobre artistas mulheres pernambucanas, esta pesquisa se inicia, tendo como principal desafio o de investigar a trajetória de Fédora do Rego Monteiro, sua poética e suas relações com a educação artística em Pernambuco, considerando todas as dificuldades apontadas pela historiadora.

Os caminhos percorridos por esta pesquisa reproduzem o itinerário efetuado pelo seu objeto de estudo. Recife, Rio de Janeiro e Paris, são cidades que

36 É importante considerarmos que as mulheres que ousavam entrar no mundo artístico estavam destinadas à uma iconografia que incluía pintura de interiores, naturezas mortas ou retratos que, além de terem menor valor no mercado de arte, não as faziam pertencer ao universo dos grandes artistas (Zaccara, 2017: 25).

se apresentam neste trabalho como um vasto terreno de pesquisa, detentoras de diversas pistas sobre a trajetória humana da artista e arte educadora Fédora do Rego Monteiro ou D. Fédora Monteiro Fernandes (nome de casada). São lugares que nos levam em direção à diversos processos de circulação de ideias, obras, preconceitos e lutas, que se interligam, se cruzam e se chocam em um contexto transatlântico marcado pela misoginia e pelo patriarcalismo presentes nas esferas artísticas e educativas entre o final do século XIX e início do século XX.

No intuito de reconstruir a trajetória artística de Fédora do Rego Monteiro e compreender a sua importância dentro da construção dos primeiros capítulos da arte educação em Pernambuco, diversas instituições foram visitadas dos dois lados do Atlântico. No Brasil, o Museu de Arte Moderna Aloisio Magalhaes, o Museu do Estado de Pernambuco, o Instituto de Arte Contemporânea da Universidade Federal de Pernambuco e a coleção de pinturas do Palácio do Campo das Princesas, situados em Recife, se apresentam como as principais fontes de acesso público detentoras dos trabalhos plásticos efetuados por Fédora, reunidos um conjunto de seis telas no total. Fora das grandes coleções públicas dedicadas à arte moderna brasileira, alguns poucos trabalhos de Fédora foram localizados dentro de coleções privadas, dentre as quais, em Pernambuco encontra-se a coleção de pinturas dos descendentes da pintora, seus netos os irmãos Rosa Maria Rangel Romaguera, Maria Romaguera e Luiz Antonio Romaguera. Em São Paulo, foi possível também localizar uma tela da artista na coleção de Luiz Fernando da Costa e Silva. Ainda no Brasil, merecem destaque nesta pesquisa, as contribuições do Memorial Denis Bernardes da Universidade Federal de Pernambuco, detentor dos arquivos da Escola de Belas Artes do Recife, onde Fédora atuou como professora por mais de duas décadas e da Hemeroteca Digital Brasileira, organizada pela Fundação Biblioteca Nacional. Essa importante ferramenta de pesquisa tornou possível a realização de um mergulho dentro dos principais periódicos nacionais que veicularam notícias sobre Fédora Rego Monteiro, desde o seu nascimento até a sua morte. Esses dados revelaram informações necessárias para a compreensão dos processos de circulação e recepção crítica da artista e de seus trabalhos, bem como, informações sobre a formação artística recebida por Fédora do Rego Monteiro e sua atuação como professora em diferentes espaços educativos situados em Recife.

Na França, os arquivos sobre Fédora situados na cidade de Pierrefitte-sur-Seine, administrados pelos Archives Nationales, foram também importantes para a realização da coleta de dados. Nessa instituição, o fundo documental da *Académie Julian* revelou diversas informações sobre o percurso de formação educacional desenvolvido pela artista Rego Monteiro, como por exemplo, os ateliês frequentados e o tempo de permanência como estudante matriculada na referida

instituição.

Os arquivos consultados e os dados processados revelam importantes informações sobre Fédora do Rego Monteiro e contribuem para o desenvolvimento de um estudo que relaciona a trajetória dessa artista com o processo de introdução das mulheres artistas brasileiras dentro dos espaços educativos institucionais dedicados ao ensino da arte, bem como sua contribuição com o desenvolvimento da arte-educação no estado de Pernambuco.

Fédora e a educação artística domiciliar

Nascida em 3 de fevereiro de 1889 em Recife, Fédora do Rego Monteiro manteve um profundo relacionamento com as artes visuais desde a sua infância, principalmente com a pintura, uma paixão à qual se dedicou ao longo de toda a sua vida. Sua carreira como artista foi marcada por uma série de transformações, deslocamentos, movimentos, e desafios pessoais que influenciaram diretamente a sua construção como artista, como educadora e como mulher.

Agraciada com uma educação burguesa custeada pelos seus pais, o representante da empresa têxtil Havendish & Co. sr. Ildefonso do Rego Monteiro e sua esposa D. Elisa Cândida Figueiredo Melo do Rego Monteiro, prima em terceiro grau dos pintores Pedro Américo de Figueiredo e Aurélio de Figueiredo, a primogênita do casal teve a oportunidade de usufruir, assim como os seus irmãos José, Vicente, Debora e Joaquim do Rego Monteiro, de um projeto educacional refinado, complexo e ambicioso, que objetivava o oferecimento de uma formação educativa e cultural de excelência para toda a prole Rego Monteiro.

Durante a sua infância Fédora iniciou os seus estudos artísticos tendo aulas particulares de desenho e de pintura em sua própria residência. Esse tipo de espaço foi frequentemente adotado como um ambiente de aprendizagem pelas famílias abastadas pernambucanas durante o século XIX, como comenta a historiadora Maria Beatriz Monteiro Guimarães:

Um outro lugar de educação que acaba por cumprir uma função que não lhe é muito própria são os interiores das casas nas cidades e nos engenhos. Aqui, o lugar de instrução funde num mesmo ambiente atividades pertencentes à esfera pública com as singularidades do lugar doméstico, esfera privada. Nos “lares da educação”, transitavam, creio eu, meninas e meninos brancos que provavelmente deveriam ser os mais abastadas financeiramente, considerando o fato de essas aulas serem particulares, tinham professores e professoras contratados e pagos pelas famílias que



encaminhavam seus filhos e filhas para esses espaços ou traziam os mestres e mestras até suas residências (Guimarães, 2002: 155).

Desprovida de instituições educativas voltadas para o ensino da arte durante todo o século XIX, além das aulas particulares, a cidade de Recife não apresentava nenhuma alternativa de formação para os filhos e filhas da elite pernambucana que se dirigiam para as artes plásticas. No caso das mulheres, a abertura do ensino da arte em Pernambuco deu-se apenas durante as primeiras décadas do século XX, através da criação das Escolas Profissionais mistas, que ofereceram ao sexo feminino a possibilidade de desenvolverem uma formação artística voltada às artes domésticas. (Zaccara, 2017: 40).



Figura 1. Fédora do Rego Monteiro, sem título, 1902.

óleo sobre tela, 53 x 42 cm

Coleção da família Rego Monteiro, Recife



As primeiras lições de desenho e de pintura recebidas por Fédora foram ministradas pelo pintor e fotógrafo Louis Piereck, natural de São Paulo, residente na capital pernambucana e proprietário do estúdio Photo-Piereck, fundado em Recife no ano de 1892 (Diário de Pernambuco, 1917: 05). Essas lições foram baseadas em uma metodologia focada na reprodução de modelos imagéticos que circulavam na capital de Pernambuco, essencialmente através de cartões postais, um dos principais veículos para a difusão de imagens policromadas no Nordeste do Brasil durante o final do século XIX e início do século XX. Como podemos observar na figura 1, o resultado desses primeiros exercícios pictóricos desenvolvidos por Fédora resultaram em uma produção visual ligada ao gênero do retrato, caminho percorrido e exercido pela artista com maestria durante todo a sua trajetória artística³⁷.

A figura 1 demonstra ainda uma certa influência da técnica de fotopintura, atividade exercida com sucesso em Recife por Piereck. Essa técnica bastante popularizada no Nordeste do Brasil deriva da aplicação de tintas sobre uma base fotográfica em baixo contraste tendo como principal objetivo a coloração das imagens (Vídica e Alves, 2018, p. 159). A ausência de um fundo, o enquadramento em camafeu, a recriação de vestimentas e o destaque dado as expressões faciais são características da fotopintura que podem ser claramente percebidas nessa obra de Fédora. Quanto a figura masculina retratada, o Cristo aparece como um dos temas presentes não apenas nos exercícios pictóricos efetuados pela artista (figuras 1 e 2) mas principalmente no processo educacional vivenciado pela pintora, permeado por uma forte influencia católica, comum em todos os lares brasileiros durante o século XIX, como comenta Gilberto Freyre:

A religião – católica, é claro – exercia função importante na vida de família do Brasil nos meados do século XIX. A educação doméstica, isto é, a tarefa não só de educar como de instruir meninos e meninas nas casas patriarcais tinha profundo cunho católico. As crianças aprendiam com as mães a ser piedosas, temendo o Deus Todo-Poderoso: um Deus que via tudo o que se fazia entre os homens e registrava em um enorme caderno, para futuro castigo, todos os pecados de adultos e de meninos. (...) Quase toda casa de cidade tinha o seu oratório, com imagens e redoma de vidro; (...) A disciplina doméstica tinha como base o temor de Deus. Mas se este falhava, entrava vigorosamente o chicote (Freyre, 2008: 93-94).

37 É importante considerarmos que as mulheres que ousavam entrar no mundo artístico estavam destinadas à uma iconografia que incluía pintura de interiores, naturezas mortas ou retratos que, além de terem menor valor no mercado de arte, não as faziam pertencer ao universo dos grandes artistas (Zaccara, 2017: 25).



Figura 2. Fédora do Rego Monteiro, sem título, s. d.
óleo sobre tela, Coleção da família Rego Monteiro, Recife

Com traços praticamente naifes, marcados pela utilização de cores vivas e de uma tendência ornamental, a figura 2 se materializa visualmente a partir de uma informalidade criativa que aproxima a pintura de Fédora do Rego Monteiro da iconografia cristã medieval, através de uma representação artística arquetípica. Os problemas de anatomia que apresentam um corpo volumetricamente deformado evidenciam as dificuldades encontradas por Fédora para retratar a figura

humana, tarefa difícil para a maioria das artistas brasileiras que não tiveram a oportunidade de ter aulas de modelo vivo durante todo o século XIX e início do século XX. Tanto na figura 1 quanto na figura 2, é evidente o distanciamento/desconhecimento da artista em relação as regras acadêmicas ou clássicas de composição e técnica, incluindo o uso de proporções anatomicamente corretas e da perspectiva espacial tridimensional. A frontalidade presente em ambas pinturas acentua a solenidade do encontro entre a autora ou o apreciador com a autoridade espiritual, ao mesmo tempo em que evidenciam os primeiros assuntos tratados pela pintora, resultantes de um processo educativo fundamentado basicamente em princípios religiosos, vivenciados ainda com maior intensidade pelo sexo feminino.

A estudante e o ensino artístico institucional

No Brasil, graças ao decreto 1.159 de 03 de dezembro de 1892, aprovado pelo então presidente da República Floriano Peixoto e assinado pelo ministro de Estado, Fernando Lobo, o sexo feminino passou a ser admitido oficialmente nos cursos superiores, o que permitiu o seu ingresso na Escola Nacional de Belas Artes do Rio de Janeiro. Segundo o artigo 187 do referido decreto, a matrícula do sexo feminino era facultativa às instituições de ensino superior e essas deveriam oferecer um ensino organizado em classes separadas entre os sexos opostos. (Brasil, 03 dez. 1892). No entanto, o contato do sexo feminino com atividades artísticas desenvolvidas em ambientes institucionais de ensino, antecede à promulgação do decreto acima citado.

No Rio de Janeiro, a primeira instituição a organizar classes dedicadas ao sexo feminino foi o Liceu de Artes e Ofícios, em 1881, oferecendo uma formação educativa voltada às artes industriais e especificamente no caso das mulheres, para o artesanato (Simione, 2008: 76). Já em Pernambuco essa abertura profissional para o sexo feminino se apresenta de forma antecipada em relação ao Rio de Janeiro. Através da implantação da Sociedade Propagadora da Instrução Pública, em 11 de fevereiro de 1872, foi aberto em Recife o curso Normal para Senhoras que funcionou nas dependências da Escola Normal, iniciado com um total de 80 alunas solteiras e casadas matriculadas na primeira turma (Santos, 2014: 36-37). Essa formação contemplava conhecimentos técnicos de desenho linear, caligrafia e geometria aplicada às artes (Gati, 2010: 158). No entanto, o ingresso do sexo feminino em uma instituição exclusivamente dedicada às artes acontecerá em Pernambuco apenas a partir de 1932, com a criação da Escola de Belas Artes do Recife.

Os primeiros registros sobre os estudos acadêmicos desenvolvidos pela artista Fédora do Rego Monteiro indicam sua passagem pela Escola Nacional de Belas Artes do Rio de Janeiro. Com a ausência de uma instituição acadêmica dedicada à educação artística no estado de Pernambuco e seguindo as instruções de sua mãe, que julgava insuficiente e provincial a formação domiciliar recebida por sua filha em Recife, Fédora se estabeleceu em 1908 no Rio de Janeiro com parte de sua família, onde permaneceram até o ano de 1911. No Rio, ela se matriculou na Escola Nacional de Belas Artes, onde teve os primeiros contatos com o sistema de ensino artístico acadêmico, através dos ensinamentos de seu professor, o artista ítalo-brasileiro Eliseu Visconti (1866-1944), um artista considerado por diversos historiadores da arte brasileira como um introdutor dos códigos modernistas e detentor de uma vasta diversidade estilística, tendo dialogado com o simbolismo, com a *art nouveau*, com o impressionismo e com o pós-impressionismo (Alves, 2016: 20).



Figura 3. Grupo de estudantes do professor Eliseu Visconti (da esquerda para a direita): Galdino Bicho, Marques Junior, Isolina Machado, Silva Meyer, Adelaide Gonçalves, Fédora do Rego Monteiro e Henrique Cavalleiro. Fonte: Arquivos da família Rego Monteiro, Recife.

A passagem de Fédora pela Escola Nacional de Belas Artes do Rio de Janeiro permitiu à pintora de expor seu trabalho institucionalmente em salões acadêmicos, iniciando sua carreira como artista profissional. Como revelam os catálogos das exposições gerais, o reconhecimento de seu trabalho na esfera institucional do Rio de Janeiro lhe rendeu três prêmios: uma menção honrosa do primeiro grau em 1911, uma medalha de bronze em 1912 e uma pequena medalha de prata em 1916. A artista participou de oito edições das exposições anuais organizadas pela Escola de Belas Artes carioca entre os anos de 1911 e 1927³⁸. Apesar do sucesso institucional alcançado por Fédora, através das exposições oficiais e de suas recompensas obtidas, a artista em sua condição de mulher, não pôde receber uma formação acadêmica da mesma maneira que os artistas do sexo masculino recebiam. As limitações e os tabus vivenciados pelas mulheres na Escola de Belas Artes do Rio de Janeiro foram muitos e conforme comenta pesquisadora Ana Paula Simioni, parecem ter bloqueado o livre trânsito das estudantes nas diversas disciplinas oferecidas pela instituição.

Até 1896 não havia ainda um ateliê exclusivamente feminino, como cobrava a lei, de sorte que as alunas se misturavam com os colegas homens. Talvez isso explique o fato que elas não ousavam inscrever-se em disciplinas mais avançadas, como as classes de pintura e escultura e, mais particularmente, as aulas de modelo vivo. Foi apenas em 1897 que uma aluna, a escultora Julieta de França, ousou inscrever-se na famigerada classe. Este caso, por sinal, foi extraordinário e contrariou a prática comum de cursar, por anos afio, disciplinas básicas como desenho de ornatos, a mais procurada, disciplina eminentemente técnica e pouco significativa para capacitá-las à condição plena de artistas. (...) Apenas em 1896 criou-se um espaço privativo para as alunas da instituição: um ateliê feminino, regido pelos professores Rodolfo Amoedo e Henrique Bernardelli. O primeiro ocupava-se tanto do desenho figurado, com uma turma especial somente para alunas, quanto de uma turma de pintura composta apenas por moças e senhoras; já Bernardelli dividia o encargo da disciplina de desenho figurado, porém sua turma de pintura, pertencendo ao curso superior, continuava mista muito embora os homens fossem minoritários (Simioni, 2008: 75).

38 Nas exposições anuais da Escola Nacional de Belas Artes do Rio de Janeiro, Fédora apresentou um total de 26 pinturas, dentre as quais 25 foram feitas entre os anos de 1911 e 1918. As participações da artista se deram nos anos de 1911-1913, 1915, 1916-1918 e 1929.

A figura 3 demonstra que durante a passagem de Fédora do Rego Monteiro pela Escola de Belas Artes do Rio de Janeiro a situação relativa ao compartilhamento de espaços entre homens e mulheres na instituição não havia mudado de maneira significativa. Matriculada no curso de pintura, sob a responsabilidade do professor Eliseu Visconti, a artista e suas companheiras de turma compartilhavam o ambiente de aprendizado com seus companheiros do sexo masculino.

Submissa à um sistema de ensino artístico hermético e misógino, Fédora e suas contemporâneas precisavam estar atentas a qualquer oportunidade de qualificação e legitimação profissionais. Após sua experiência acadêmica no Rio de Janeiro, a artista Rego Monteiro, decidiu continuar o seu processo de formação artística fora do Brasil, estabelecendo-se a partir de 1911 em Paris com sua mãe e seus irmãos José, Vicente, Joaquim e Debora do Rego Monteiro. O projeto educacional da família também incluía a formação acadêmica dos dois filhos homens mais velhos da família Rego Monteiro, que estudaram arquitetura no caso de José, e escultura no caso de Vicente.

Em Paris, a pintora teve a oportunidade de desenvolver seus estudos por meio de uma formação artística idêntica à recebida pelos artistas do sexo masculino. O que era impossível no Brasil tornou-se realidade para Fédora, assim como para muitas outras artistas brasileiras, na Academia Julian em Paris³⁹. Fundada em 1868 por Rudolf Julian (1839-1907), a academia integrou mulheres em seus programas de formação desde os seus primeiros anos de existência. Apesar dos preços extremamente desiguais, que geralmente dobravam em comparação aos serviços oferecidos aos estudantes do sexo masculino, os cursos para damas atraíram um número significativo de artistas francesas e estrangeiras, permitindo assim uma aproximação do público feminino de outros gêneros da pintura além do retrato.

Em consulta aos arquivos da *Académie Julian*, podemos atestar, através de um livro de receitas e despesas organizado entre 1907 e 1912, que Fédora do Rego Monteiro esteve matriculada nos cursos de pintura da referida academia entre outubro de 1911 e fevereiro de 1912, (*Académie Julian*, 01 set. 1907). De acordo com os documentos consultados referentes à artista, os professores da pintora pernambucana na Academia Julian não foram registrados e, portanto, não puderam ser identificados, no entanto, essas informações podem ser extraídas a partir dos catálogos das exposições gerais da Escola Nacional de Belas Artes em que ela participou no Rio de Janeiro. Conforme podemos observar na figura 4, em 1916, Fédora do Rego Monteiro é apresentada nos catálogos como discípula do pintor

39 Sobre a presença das artistas brasileiras na Academia Julian consultar: CABRAL, Carlos. Proibidas e transgressoras : o percurso das artistas brasileiras na Académie Julian – Paris 1889-1913. In: PARAGUAI, Luisa; SOGABE, Milton (org.). **ConVERsações anpapianas**. São Paulo: UNESP, 2019, p. 10-21.

francês Jean Louis Paul Gervais (1859-1944), professor da Academia Julian entre os anos de 1907 e 1912.

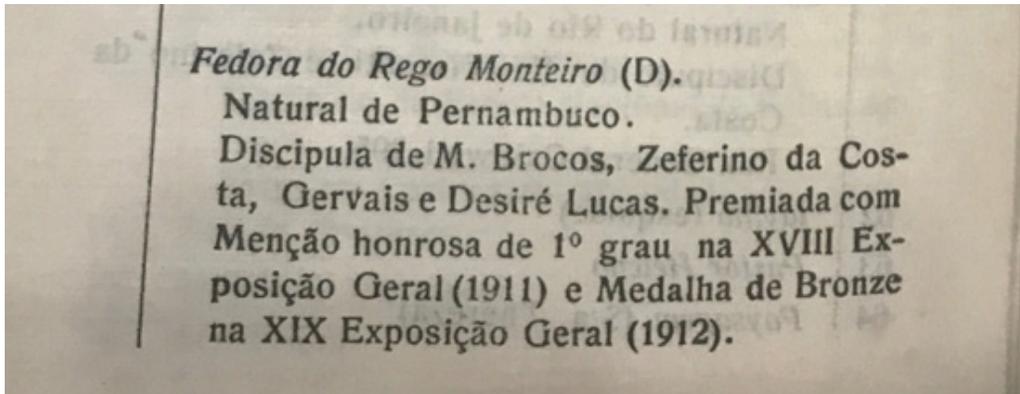


Figura 4. Apresentação da artista Fédora do Rego Monteiro no catálogo da XXIII Exposição Geral de Belas Artes, realizada pela Escola Nacional de Belas Artes de Rio de Janeiro em 1916.

Fonte: (Escola, 1916: 42)

Além de Paul Gervais, a figura 4 menciona ainda os nomes de Zeferino da Costa (1840-1915) e Modesto Brocos y Gomez (1852-1936), ambos professores da Escola Nacional de Belas Artes do Rio de Janeiro, e do pintor francês Louis-Marie Désiré-Lucas (1869-1949), que não lecionou em nenhuma instituição acadêmica francesa. Tal fato revela uma interessante estratégia adotada por Fédora ao construir sua formação artística em ambientes institucionais (Academia de Belas Artes no Rio de Janeiro e *Académie Julian* em Paris) e ao mesmo tempo em ambientes informais, através de lições particulares ministradas por artistas não vinculados às academias de arte, como o seu primeiro professor Louis Piereck e também como o pintor Desiré-Lucas.

Durante sua estadia na França (1911-1914), Fédora do Rego Monteiro não cortou os laços com o mercado de arte brasileiro. Mesmo em Paris, ela continua expondo regularmente nos salões do Rio de Janeiro, enviando uma série de pinturas derivadas de sua trajetória geográfica na Europa. Desde 1913, é possível notar que a maioria dos títulos de suas obras apresentadas nas exposições do Rio de Janeiro aparece nos catálogos de exposições em francês, italiano e espanhol, evocando rios, edifícios e paisagens localizadas em Veneza, Paris e Espanha. As pinturas pertencentes a esta fase de produção da artista também foram veiculadas na França através da participação da pintora em diferentes salões franceses. Segundo pesquisa realizada por Dominique Lobstein, a artista participou de duas edições do *Salon des Indépendants*, uma em 1913, onde apresentou três pinturas e

uma em 1914, onde também apresentou outras três obras (Lobstein, 2003: 1499). Ainda em 1914 a artista expôs no tradicional *Salon des Artistes Français* (Société des Artistes français: 1914).

Em Versalhes, durante a Exposição de Belas Artes de 1913, Fédora estabeleceu contato com o pintor brasileiro Virgílio Mauricio, premiado no Salão dos Artistas Franceses em 1913, e tornou-se sua aluna. Segundo entrevista à imprensa pernambucana, na ocasião da inauguração da primeira exposição individual da artista Rego Monteiro em Recife, em 1917, Virgílio Mauricio relembra o sucesso de Fédora em Paris, quando finalmente foi admitida na Salão dos artistas franceses de 1914, segundo ele, graças aos seus conselhos dados à artista.

Mme. Rego Monteiro fez-me sentir que o único grande desejo que tinha em Paris, era o de ver um trabalho de sua filha exposto no Salão. E por que não expõe? Foi a minha pergunta. É muito difícil respondeu-me a bondosa senhora. Minha filha estudou com Gervais, não foi admitida, com o pintor Guetio, do mesmo modo, com os mestres Désiré Lucas, Shommer, não conseguiu expor. Surpreendeu-me a revelação de Mme. do Rego Monteiro. Com calma afirmei; sua filha exporá em 1914. Fédora do Rego Monteiro teve a gentileza de ouvir os meus conselhos e aceitar algumas lições. Aproxima-se o Salão. Era o caso de eu cumprir a minha promessa. Fédora havia executado um autorretrato. Enviou a tela para o Salão e dias depois recebi dos pintores Léon Comère e Etchevery o seguinte: *Votre élève a été admise*. Alguns dias mais tarde, fui à residência da família Rego Monteiro e levei o cartão d'exposante. Foi uma alegria geral. Estava cumprida a minha palavra e o talento da artista recompensado. No catálogo do Salão de 1914, lê-se na página 298 o seguinte: "Rego Monteiro (Mlle. Fédora) née à Pernambuco (Brésil) élève de M. M. Gravais, Guetin, Désiré-Lucas, Shommer, Visconti et Virgilio Mauricio 3.103 – Etude pastel (Mauricio, 1917: 02).

O corpo 100% masculino de professores que contribuíram com a formação artística de Fédora do Rego Monteiro, mencionado tanto na apresentação da artista no catálogo da XXIII exposição geral da Escola Nacional de Belas Artes do Rio de Janeiro (figura 4), quanto no catalogo do *Salon des artistes français* de 1914, ratifica as considerações da historiadora da arte Madalena Zaccara ao afirmar que "a artista mulher, durante muito tempo, teve o seu trabalho legitimado a partir do seu atrelamento ao mundo masculino" (Zaccara, 2017: 25). Para Fédora e suas contemporâneas não existiram outras alternativas de formação e de legitimação que não passassem pela chancela androcentrica. No entanto, seriam elas as pri-

meiras dissidentes de um sistema artístico e educativo misógino e patriarcal, bem como as futuras professoras que adentrariam nos espaços institucionais dedicados ao ensino artístico.

A eclosão da Primeira Guerra Mundial erradicou não apenas Fédora do Rego Monteiro e seus irmãos da cena artística francesa, mas também vários artistas estrangeiros que retornaram aos seus territórios de origem para escaparem do conflito. O retorno da família Rego Monteiro ao Brasil significou para Fédora o início da segunda fase de sua carreira profissional e um segundo contato presencial com o mercado brasileiro de arte, principalmente com a Escola Nacional de Belas Artes do Rio de Janeiro. Ao retornar ao Brasil em 1914, a família se estabeleceu no Rio de Janeiro, onde permaneceu até o ano de 1917. Durante esse período, Fédora teve a oportunidade de continuar sua carreira como artista profissional e mostrar suas habilidades adquiridas durante sua estadia na França. Entre 1914 e 1917, ela participou de quatro exposições no Rio de Janeiro, incluindo sua primeira exposição individual, aberta ao público em 21 de junho de 1916 no edifício da Equitativa (Arte Nacional, 1916: 13).

O antes e o depois de suas experiências acadêmicas, nacional e internacional, revelam duas fases completamente diferentes na obra da artista, denunciando uma certa abertura para a pintura moderna e o advento de uma nova maneira adotada por ela no que diz respeito ao uso da luz e da cor, elementos fundamentais da linguagem pictórica. A influência de sua experiência acadêmica internacional foi decisiva para as escolhas pictóricas da artista, como ela própria reconhece em uma entrevista dada à imprensa pernambucana no ano de 1920:

E inegável que a minha permanência em Paris contribuiu grandemente para o aperfeiçoamento de minha vocação. Apesar de tudo, Paris ainda é a grande metrópole da arte. Vão ali desaguar como n'um grande mar todas as escolas e todos os gêneros. Por temperamento eu não poderia deixar de sentir a cor e a luz espalhadas pela natureza. A este respeito creio que os modernos pintores espanhóis são aqueles que vão mais com as minhas tendências. Confesso que o impressionismo me influenciou bastante e uma nova percepção dos efeitos do raio solar é como dizia Henry Naegely, o traço mais saliente da pintura moderna. O papel que Renoir, Monet, Pissarro, Cézanne e Sisley desempenharam na arte deste século é, incontestavelmente, assombroso. (...) Dizendo-lhe que o impressionismo influenciou bastante a minha arte, não quero dizer com isto que aplaudo todos os exageros decorrentes das tendências mais ou menos modernas e começando por sacrificar inteiramente a linha e a cor, descabaram nos deploráveis processos futuristas. Mas isto é uma fase de transição. E a arte, a

verdadeira arte, ao influxo de teorias racionais e da justa contribuição que lhe vieram dar os revolucionários do impressionismo, permanecerá, a despeito dessas criações passageiras e insensatas (Fernandes, 1920: 01).

De acordo com as declarações de Fédora, percebemos que ela se posicionou em oposição às experiências visuais de vanguarda que redefiniram o significado e o uso de linhas e cores como parte da composição de uma imagem. Apesar da integração do impressionismo em seu trabalho, a artista não desenvolveu nenhuma pesquisa que possa aprofundar o processo de decomposição e recomposição de formas pelas quais artistas fauvistas, expressionistas, cubistas e abstratos enveredaram. Considerando essas experiências estéticas como deploráveis e irracionais, Fédora se afasta do pensamento artístico moderno e testemunha sua comunhão com a lógica artística acadêmica que tanto influenciou seu trabalho. No entanto, apesar de sua falta de abertura para as experiências de vanguarda, as transformações no trabalho da artista após sua estadia em Paris são óbvias. Como podemos ver nas pinturas apresentadas pelas figuras 5 e 6, a artista demonstra que desenvolveu um diálogo entre cânones acadêmicos e técnicas e estilos que se aproximam das características impressionistas e neoimpressionistas.



Figura 5. Fédora do Rego Monteiro, *La dame en rouge*, 1913.

óleo sobre tela, 153 x 103 cm

Coleção do Palácio do Campo das Princesas, Recife.

A dama de vermelho (figura 5) representa o começo do dilema vivido por Fédora entre a arte acadêmica e as manifestações artísticas modernas. Exibida em Paris no *Salon des Indépendants* em 1913, esta pintura apresenta de maneira atenuada as influências acadêmicas visíveis através da existência do binômio figura-fundo e do uso de uma luz quase barroca, destacando um excelente trabalho de carnação realizado pela artista. A urgência de uma nova maneira de criar imagens está incorporada em sua poética, abrindo seu universo criativo para além do gênero de retrato, sua especialidade.

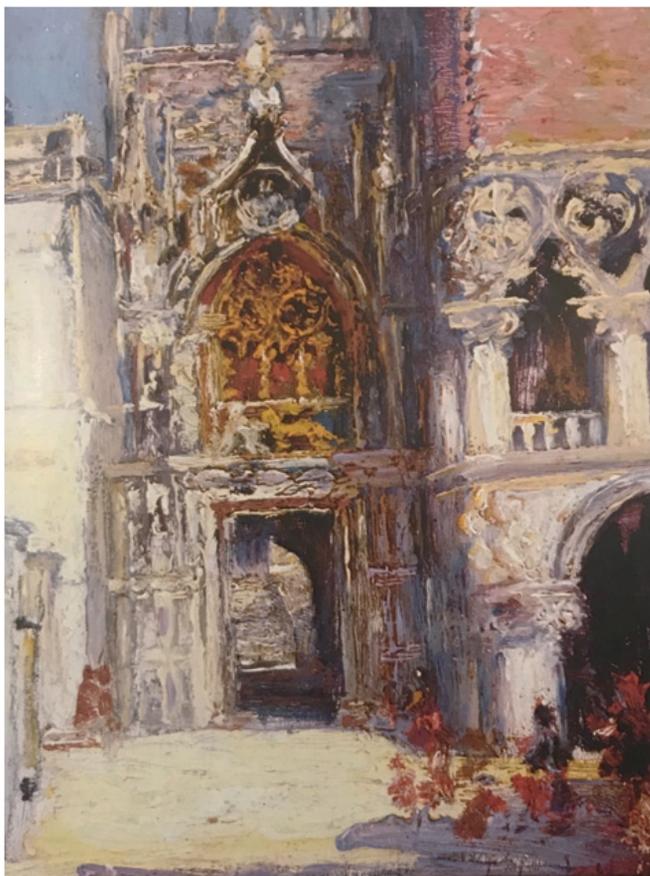


Figura 6. Fédora do Rego Monteiro, *Palace des Doges*, 1916. óleo sobre cartão, 18 x 13 cm. Coleção Luiz Fernando da Costa e Silva, São Paulo.

A pintura mostrada na Figura 6 apresenta as mudanças incorporadas por Fédora após sua estadia em Paris e sua passagem pela Academia Julian. Nesta pintura, Fédora trata a luz de uma maneira completamente diferente da pintura apresentada na figura 5. O movimento, anteriormente evocado pelas poses clássicas de suas figuras, é substituído pelo dinamismo óptico adotado pela artista em sua maneira de tratar luz e a cor capturadas em atmosferas externas, como bem

fizeram os pintores impressionistas. Através desta pintura, podemos ver a influência de seu professor da Academia Julian, Paul Gervais, e assim como ele, Fédora demonstra um interessante domínio sobre as sombras coloridas como elementos compositivos da imagem pictórica.

Depois de uma longa temporada entre as metrópoles Rio de Janeiro e Paris, em 8 de fevereiro de 1917 Fédora embarcou do Rio de Janeiro tendo como destino a cidade de Recife, chegando à capital de Pernambuco no dia 13 do mesmo mês (Diário social, 1917: 02). Os experimentos pictóricos desenvolvidos por Fédora entre 1911 e 1917 só foram então difundidos em sua cidade natal a partir desse seu retorno. Reinstalada em Recife com a sua família, Fédora abriu seu primeiro ateliê em sua própria residência, localizada na Rua Benfica, 36⁴⁰. Fixada em Recife casou-se no mesmo ano com o político e jornalista Aníbal Gonçalves Fernandes, quem lhe rendeu grande publicidade e livre circulação na imprensa local. A partir de então, a artista muda o seu nome de solteira e adota o sobrenome de seu marido.

Em Recife, a então senhora Fédora Monteiro Fernandes organizou duas exposições individuais e uma coletiva durante o ano de 1917, uma oportunidade para a pintora de exibir o resultado plástico de seis anos de pesquisa na Europa e no Rio de Janeiro. Em sua primeira exposição, realizada na sede da Associação dos Trabalhadores do Comércio de Pernambuco, exibiu um total de 55 obras e durante sua segunda exposição, no mesmo ano, apresentou mais 25 obras. Esse conjunto de cerca de 80 pinturas representa um material rico em informações capazes de contribuir para uma melhor compreensão do percurso artístico seguido por Fédora. Nesse sentido, torna-se necessário aprofundar a pesquisa sobre a obra dessa artista, uma obra completamente dispersa e ainda não catalogada.

Através de um estudo mais profundo sobre as obras já identificadas de Fédora é possível perceber algumas mudanças expressivas adotadas pela artista em sua poética. Entre as produções de seu período de pesquisa e formação realizadas fora de Recife (1911-1917) e os trabalhos que começaram a ser produzidos em Pernambuco, a partir do seu retorno em 1917, notamos um interesse profundo de Fédora pelas questões locais e temas tropicais, como por exemplo a fauna e a flora pernambucanas, processados pela artista e visíveis na figura 7.

Datado de 1925, o quadro apresentado na figura 7 demonstra que a artista permaneceu fiel ao impressionismo como estilo e técnica escolhidas para se expressar como pintora, tendo diversificado sua produção visual apenas através dos assuntos que foram tratados em sua pintura. O interesse de Fédora pelas ques-

40 Informação extraída do álbum de recortes de jornais pertencente a família Rego Monteiro. **Revista Católica das Famílias**, Recife, 25 jul. 1917.

tões locais, pelas paisagens e pela identidade visual de Recife se desdobra longe dos novos códigos estéticos vanguardistas. Embora o impressionismo tenha sido considerado como algo ultrapassado na Europa, durante as primeiras décadas do século XX, em Recife, esse movimento ainda era considerado como uma novidade. Os trabalhos artísticos desenvolvidos por Fédora após o seu retorno para Pernambuco se enquadram em uma espécie de impressionismo tropical, onde a cor e a luz se apresentam submissos a uma escala cromática derivada de suas observações sobre a mata atlântica no estado de Pernambuco.



Figura 7. Fédora Monteiro Fernandes, Flor do Panama, 1925. Óleo sobre madeira, 55 x 55 cm
Museu de Arte Moderna Aloisio Magalhaes, Recife.

Datado de 1925, o quadro apresentado na figura 7 demonstra que a artista permaneceu fiel ao impressionismo como estilo e técnica escolhidas para se expressar como pintora, tendo diversificado sua produção visual apenas através dos assuntos que foram tratados em sua pintura. O interesse de Fédora pelas questões locais, pelas paisagens e pela identidade visual de Recife se desdobra longe dos novos códigos estéticos vanguardistas. Embora o impressionismo tenha sido considerado como algo ultrapassado na Europa, durante as primeiras décadas do século XX, em Recife, esse movimento ainda era considerado como uma novidade. Os trabalhos artísticos desenvolvidos por Fédora após o seu retorno para Pernambuco se enquadram em uma espécie de impressionismo tropical, onde a cor e a luz se apresentam submissos a uma escala cromática derivada de suas observações sobre a mata atlântica no estado de Pernambuco.

A professora Fédora e a educação artística em Pernambuco

O retorno de Fédora para a capital pernambucana inseriu a artista em uma atmosfera completamente diferente das capitais artísticas Rio de Janeiro e Paris. A falta de infraestrutura para formação, recepção e fruição de produtos artísticos em Recife, bem como a importância da educação artística na formação plena do sujeito foram então percebidos pela artista. Ao se referir sobre o meio artístico recifense, em entrevista concedida à imprensa pernambucana na década de 1920, Fédora afirma:

A arte, que é do ponto de vista das necessidades materiais “inútil”, começa a ser compreendida e desejada. A nossa cultura artística é ainda rudimentar e nem poderia de deixar de ser assim. Sem uma pinacoteca, sem um museu, sem uma escola de belas artes, sem um conservatório, como é que conseguiria propaga-la? O povo não está acostumado a ver nem a ouvir. Ora, a vista e o ouvido se educam, como tudo mais. Seria injusto dizer que somos refratários à arte, quando a verdade é justamente o contrário: fazem-nos refratários a ela. Quero crer que no dia em que essas manifestações forem incentivadas, o nível de nossa cultura será muito diverso (Fernandes, 1920: 01).

Atenta às necessidades relativas à educação artística e ao mercado de arte, insipientes em Recife, a partir da década de 1920 Fédora Monteiro Fernandes mudou seu ateliê para a rua do Futuro e abriu um curso particular de desenho e pintura, conforme podemos perceber através da figura 8:





Figura 8. Anúncio dos serviços educativos prestados por Fédora Monteiro Fernandes em seu atelier.

Fonte: (Diversos, 1920: 08)

Em 1922, ela mudou novamente o endereço de seu estúdio e instalou-se na Rua Esmeraldino Bandeira, 135, e em 1931 ela transfere novamente seu ateliê para a Rua Imperatriz, 185. Os anúncios encontrados nos jornais e usados como referência para obtenção dos endereços profissionais de Fédora em Recife revelam que o seu ateliê atuou por mais de uma década em Recife como um ponto de formação artística importante para a construção dos primeiros capítulos da história da arte-educação no estado de Pernambuco, principalmente para o estudo sobre o acesso feminino aos espaços dedicados à educação artística. Em 1922, durante sua exposição individual em Recife, a pintora incluiu em sua exposição alguns trabalhos de suas alunas: Rosa Hardmann, Aricina Baptista dos Santos e Adalgiza Neves (Artes e Artistas, 1922: 04).

Paralelamente ao seu trabalho de pintora, Fédora desenvolveu uma carreira focada na educação artística, iniciada no começo dos anos 1920 com suas aulas particulares de desenho e pintura em seu ateliê. Em 1930, a artista foi nomeada responsável pelo curso de desenho na Escola Normal Superior de Recife, em substituição ao professor Eustorgio Wanderley, transferido para o Rio de Janeiro a serviço do Governo Federal. No mesmo ano ela foi demitida por abandono de função, de acordo com uma nota publicada pelo Departamento de Justiça e Assuntos Internos (Governo Provisório do Estado, 1930: 01). Sua carreira docente e

suas contribuições com o ensino da arte no estado de Pernambuco continuaram na década de 1930 através da participação de Fédora como membro fundadora da Escola de Belas Artes do Recife, aberta em 1932, onde assumiu a função de professora de desenho e de pintura até sua aposentadoria.

Mesmo antes da abertura dos cursos particulares de Fédora Monteiro Fernandes em Recife, no início da década de 1920, a cidade não contava com nenhum estabelecimento dedicado exclusivamente ao ensino artístico. No entanto, desde 1880, através da criação do Liceu de Artes e Ofícios, eram oferecidas unicamente aos estudantes do sexo masculino, aulas de Desenho técnico que atendiam as demandas emergentes em um Brasil face à onda de industrialização que marcou o desenvolvimento do país entre o final do século XIX e início do século XX. O liceu atuou como precursor da Escola de Belas Artes, visto que, além de formar alguns estudantes que viriam a integrar o corpo de professores da Escola, sua estrutura dispunha de uma pequena pinacoteca e de algumas salas de aula que foram transformadas em ateliês. Até o surgimento da Escola de Belas Artes do Recife, o ensino artístico no estado de Pernambuco era limitado aos ateliês jesuítas que funcionaram durante o período colonial e os cursos particulares oferecidos por artistas, em sua maioria estrangeiros. A ausência de uma formação profissional em Artes obrigava muitos artistas pernambucanos a migrarem para o Rio de Janeiro ou para o Estado da Bahia caso desejassem obter uma formação artística oficial.

No intuito de suprir as demandas de uma elite cada vez mais interessada pelas atividades artísticas e de contribuir com o processo de implantação do ensino artístico profissionalizante no estado de Pernambuco, Fédora Monteiro Fernandes, única mulher reunida em meio a um conjunto de artistas, arquitetos, engenheiros e professores,⁴¹ se engajou na criação de um centro de formação profissional voltado às atividades artísticas e à Arquitetura. Como resultado de diversas reuniões que serviram para estruturar o funcionamento da instituição e face à uma ambiência marcada por revoltas sociais contra o sistema ditatorial do então Presidente Getúlio Vargas, foi criada em 1932 a escola de Belas Artes do Recife. O grupo responsável pela criação da Escola foi o mesmo responsável pela criação



41 O grupo foi composto por: Gervasio Fioravanti Pires Ferreira, José Maria Carneiro de Albuquerque Melo, Francisco Barreto Rodrigues Campelo, Mario Carneiro do Rego Melo, Adalberto Afonso Marroquim, Luis Cedro, Joao Alfredo Gonçalves da Costa Lima, Geraldo de Andrade, Newton Maia, Manuel Caetano Filho, domingos da Silva Ferreira, Nestor Moreira Reis, Joel Francisco Jayme Galvao, Carlos A. Simon, Jayme Estacio de Lima Brandao, Heitor Maia Filho, George Munier, Jayme Oliveira, Nelson Nevares, Luis Mateus Ferreira, Abelardo de Albuquerque Gama, Giacomo Palumbo, Alvaro Amorim, Murilo La Greca, Baltasar da Câmara, Fédora Monteiro Fernandes, Mario Nunes, Henrique Eliot, Heinrich Moser, Avelino Pereira, Bibiano Silva, Emilio Franzosi, Manuel Augusto dos Santos e Matias Teves.

dos primeiros Salões de Arte de Pernambuco, pela construção dos monumentos públicos republicanos e pela decoração dos salões da elite pernambucana.

Dos professores fundadores da Escola que eram da área artística, todos ou estudaram na Europa, como Moser, pintor sacro e vitralista, em Munchen; Mario Tulio, Escola de Belas Artes de Veneza; Murilo la Greca, no Instituto Superiore Di Bele Arte, em Roma; ou estudaram na Escola Nacional, como Bibiano, Fédora Monteiro Fernandes, que depois vai estudar em Paris; ou foram alunos de artistas como Telles Junior, como Álvaro Amorim, Mario Nunes e até o engenheiro-arquiteto Heitor Maia Filho. (Silva, 1995: 142).

A Escola de Belas Artes do Recife funcionou inicialmente em um prédio alugado situado na Rua Benfica tendo como primeiro diretor o professor Bibiano Silva. No início de suas atividades a instituição ofertou os cursos regulares de Arquitetura, Pintura e Escultura e os cursos livres de Composição, Arquitetura, Pintura, Perspectiva, Artes Decorativas e Aplicadas, Modelagem, Desenho Geométrico, Ornatos, Desenho figurado e Desenho do modelo vivo. Posteriormente foram ofertadas as formações em Gravura, Professorado de Desenho, Música e Teatro⁴². A pedagogia adotada pela Escola era baseada nos programas de formação aplicados pela Escola Nacional de Belas Artes do Rio de Janeiro, tendo a cópia e a reprodução de obras neoclássicas como principais caminhos metodológicos a serem percorridos pelos artistas de ambos os sexos.

Apesar de sua experiência como pintora, Fédora Monteiro Fernandes foi responsável pelos cursos de Desenho Figurado e assim como todos os professores da instituição, trabalhou sem remuneração até o ano de 1950, quando foi finalmente nomeada pelo governo Federal (Brasil: 1955). A partir da década de 1940, é possível identificar nos arquivos da Escola de Belas Artes de Pernambuco, documentos que revelam os principais tópicos escolhidos por Fédora que deveriam ser trabalhados na disciplina de sua responsabilidade, sob o nome de Desenho Artístico.

Fédora que deveriam ser trabalhados na disciplina de sua responsabilidade, sob o nome de Desenho Artístico.

De acordo com a figura 9, as aulas ministradas por Fédora eram compostas por sessões de copias de ornatos, baixos relevos, diversas sessões dedicadas às partes do corpo humano, estudo de estatuaria e curiosamente uma atenção voltada para o desenho do mobiliário, atividade completamente alheia à Fédora.



42 Todos os cursos funcionaram sem reconhecimento pelo Ministério da Educação até o ano de 1945.

Provavelmente, essa foi uma adaptação do programa da disciplina às necessidades de inserção profissional dos estudantes no mercado de trabalho. Apenas em 1954 é possível identificar uma mudança na estrutura da disciplina ministrada por Fédora.

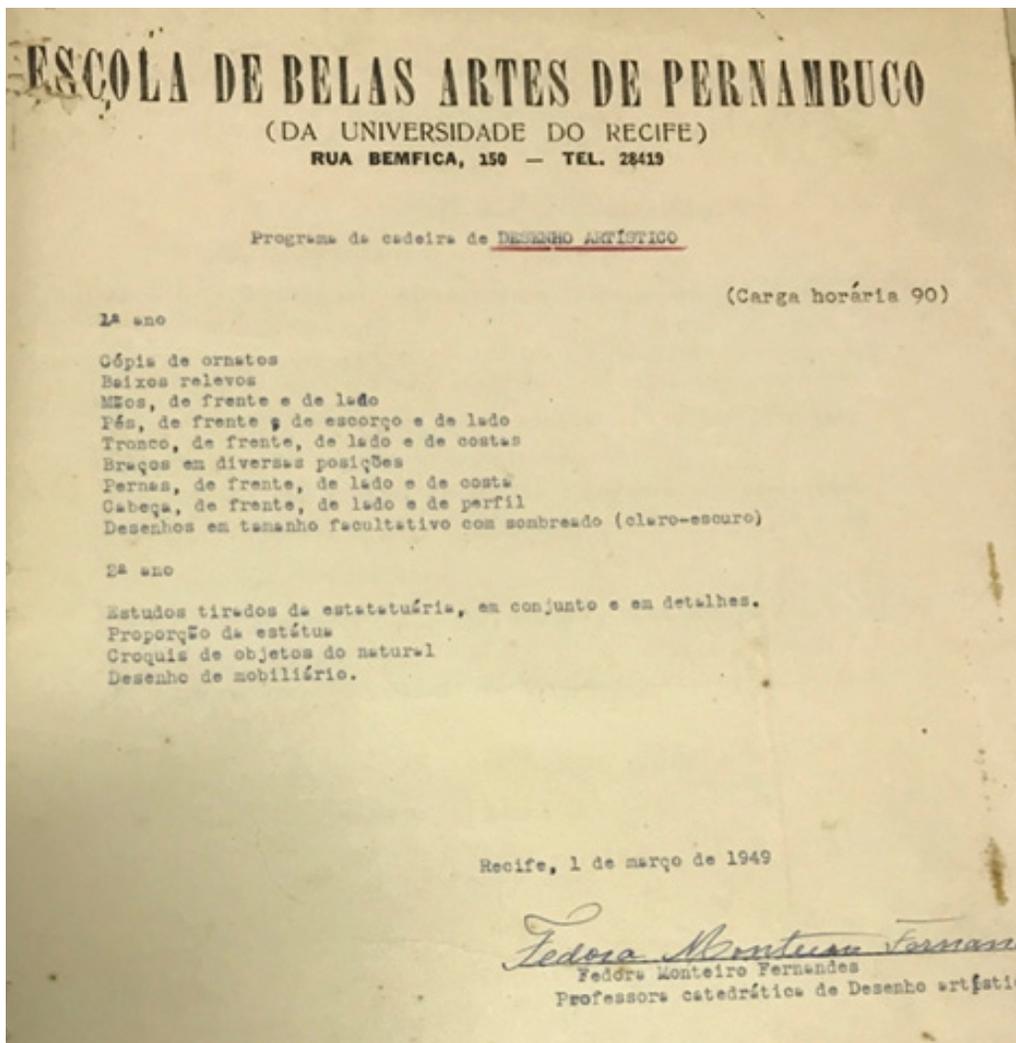


Figura 9. Fédora Monteiro Fernandes, 1949.

Programa da disciplina de Desenho Artístico da Escola de Belas Artes do Recife.

Fonte: (Fernandes: 1949)

De acordo com o programa da disciplina de Desenho Artístico de 1954 é possível verificar o acréscimo de uma parte introdutória no curso, dedicada

às questões teóricas que envolvem o desenho e suas relações com os estudos de física ótica. A partir de então, Fédora incorpora também em sua metodologia de ensino, atividades que deveriam ser realizadas ao ar livre, experimentações com diferentes materiais e suportes, sem abandonar os estudos em gesso. A partir de 1954, a palavra cópia desapareceu definitivamente dos programas elaborados por Fédora na Escola de Belas Artes do Recife. Além de atuar como professora catedrática dos cursos de Desenho, Fédora Monteiro Fernandes dedicou-se igualmente às atividades administrativas da instituição, integrando o Conselho Técnico Administrativo da Escola a partir de 1953.

A contribuição de Fédora Monteiro Fernandes para a história do ensino da arte em Pernambuco, através de sua atividade docente na Escola de Belas Artes do Recife e da abertura de seus cursos particulares de desenho e pintura, se estende desde 1920 até a década de 1960, quando aposentou-se como professora catedrática da Escola de Belas Artes do Recife. Através da Escola de Belas Artes do Recife Fédora compartilhou com seus estudantes suas experiências adquiridas durante sua formação no Rio de Janeiro e em Paris, difundindo em Pernambuco não apenas sua pintura impressionista e pós-impressionista, mas também as metodologias didáticas utilizadas por seus professores.

A partir das contribuições de Fédora Monteiro Fernandes e de um vasto conjunto de artistas, arquitetos e engenheiros, a Escola de Belas Artes do Recife permitiu a criação de uma Pinacoteca e de uma biblioteca especializadas em Artes Plásticas na cidade, resultantes de doações realizadas pelos próprios professores, artistas, intelectuais e personalidades políticas de diversos lugares do Brasil. Através de sua existência, a Escola formou uma nova geração de artistas pernambucanos e pernambucanas que puderam contar com mais um espaço institucional para exporem suas produções nos eventos organizados pela instituição, garantindo uma maior visibilidade para a classe artística local. A Escola foi sem dúvida um importante mecanismo que permitiu a ampliação do acesso do sexo feminino aos espaços educativos dedicados ao ensino da arte em Pernambuco.

Com a multiplicação de artistas e arquitetos formados pela Escola de Belas Artes de Recife, os Salões de Arte organizados pelo Governo do Estado acabaram recebendo um maior número de expositores ligados à instituição de ensino acadêmica de Recife. A Escola serviu também como uma maneira de incentivar o interesse da sociedade pernambucana sobre as atividades artísticas, inserindo as categorias de artista e de modelo vivo como profissões reconhecidas e contribuindo também para o desenvolvimento de uma crítica de arte de melhor qualidade no Estado de Pernambuco. Seu perfil acadêmico provocou também a formação e a constituição de grupos e coletivos de artistas modernistas, contrários aos ditames estabelecidos pela Escola, que muito contribuiriam com a solidificação da arte

moderna no estado de Pernambuco. A Escola de Belas Artes do Recife funcionou sob o mesmo endereço até o ano de 1975, quando foi incorporada e transferida para o campus da Universidade Federal de Pernambuco.

Fédora Monteiro Fernandes expôs até os últimos anos de sua vida participando ativamente de Salões organizados pelo governo do estado de Pernambuco. A artista faleceu em 1975, em Recife, aos 86 anos, deixando um rico legado que representa para a história da arte brasileira e de seu ensino, um caminho fértil de pesquisa para melhor compreendermos o processo de introdução do impressionismo e do pós-impressionismo no nordeste do Brasil, bem como os árduos caminhos de formação artística percorridos pelas artistas brasileiras, e sobretudo pernambucanas, entre o final do século XIX e a primeira metade do século XX.

Referencias bibliográficas

ACADÉMIE JULIAN. *Recettes et dépenses du 1^o septembre 1907-1912*. Arquivos da Académie Julian, série 63AS, dossiê 19 (Archives Nationales, Paris) 01 set. 1907.

ALVES, Fabiola Cristina. *A lição viscontiana*. (Doutorado em Artes) – Universidade Estadual Paulista “Júlio Mesquita Filho”. São Paulo, 2016. Disponível em: <<https://repositorio.unesp.br/handle/11449/141988>> Acesso em: 17 out 2020.

ARTE NACIONAL. *Careta*. Rio de Janeiro, n^o 418, 1916, p. 13. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/083712/16323>> Acesso em: 17 out. 2020.

ARTES E ARTISTAS. Exposição Fédora Monteiro. *Diário de Pernambuco*. Recife, 11 jan. 1922, p. 04. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/029033_10/5598> Acesso em: 18 out. 2020.

BRASIL. Decreto-lei n^o 1.159, de 03 de dezembro de 1892. Aprova o código das disposições comuns às instituições de ensino superior dependentes do Ministério da Justiça e Negócios Interiores. *Coleção de leis do Brasil*. Rio de Janeiro: Edição federal, v. 1, 1892, p. 961. Disponível em: <<https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1824-1899/decreto-1159-3-dezembro-1892-520752-publicacaooriginal-1-pe.html>> Acesso em: 17 out. 2020.

BRASIL. Decreto n^o 9.971, de 20 de setembro de 1955. Nomeação de Fédora Monteiro Fernandes para exercer o cargo de Professor Catedrático, padrão 0, da cadeira de Desenho Artístico, da Escola de Belas Artes da Universidade do Recife, do quadro permanente do Ministério da Educação e Cultura. *Diário Oficial da União*, Rio de Janeiro, 21 set. 1955.



CABRAL, Carlos. Proibidas e transgressoras: o percurso das artistas brasileiras na Académie Julian – Paris 1889-1913. In: PARAGUAI, Luisa; SOGABE, Milton (org.). *ConVERsações anpapianas*. São Paulo: UNESP, 2019, p. 10-21. Disponível em: <http://www.anpap.org.br/wpcontent/uploads/2019/10/Ebook_ARTIGOS_Conversações.pdf> Acesso em: 18 out. 2020.

ESCOLA NACIONAL DE BELAS ARTES. *XVIII Exposição Geral de Belas Artes*. Rio de Janeiro, 1911. Catálogo de exposição realizada na Escola Nacional de Belas Artes, no Rio de Janeiro. 1911.

_____. *XIX Exposição Geral de Belas Artes*. Rio de Janeiro, 1912. Catálogo de exposição realizada na Escola Nacional de Belas Artes, no Rio de Janeiro. 1912.

_____. *XX Exposição Geral de Belas Artes*. Rio de Janeiro, 1913. Catálogo de exposição realizada na Escola Nacional de Belas Artes, no Rio de Janeiro. 1913.

_____. *XXII Exposição Geral de Belas Artes*. Rio de Janeiro, 1915. Catálogo de exposição realizada na Escola Nacional de Belas Artes, no Rio de Janeiro. 1915.

_____. *XXIII Exposição Geral de Belas Artes*. Rio de Janeiro, 1916. Catálogo de exposição realizada na Escola Nacional de Belas Artes, no Rio de Janeiro. 1916.

_____. *XXIV Exposição Geral de Belas Artes*. Rio de Janeiro, 1917. Catálogo de exposição realizada na Escola Nacional de Belas Artes, no Rio de Janeiro. 1917.

_____. *XXV Exposição Geral de Belas Artes*. Rio de Janeiro, 1918. Catálogo de exposição realizada na Escola Nacional de Belas Artes, no Rio de Janeiro. 1918.

_____. *XXXIV Exposição Geral de Belas Artes*. Rio de Janeiro, 1927. Catálogo de exposição realizada na Escola Nacional de Belas Artes, no Rio de Janeiro. 1927.

DIARIO DE PERNAMBUCO. Recife, 26 abr. 1917, p. 05. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/029033_09/14105?pesq=Louis%20Piereck> Acesso em 09 out. 2020.

DIARIO SOCIAL. Viajantes. *Diário de Pernambuco*. Recife, 14 fev. 1917, p. 02. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/029033_09/13548> Acesso em 18 out. 2020.

DIVERSOS. Curso de Pintura de Fédora Monteiro Fernandes. *Diário de Pernambuco*. Recife, 03 out. 1920. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/029033_10/2139> Acesso em: 18 out. 2020.

FREYRE, Gilberto. *Vida Social no Brasil nos meados do século XIX*. São Paulo:



Global Editora, 2008.

GATI, Hajnalka Halasz. *A educação da mulher no Recife no final do século XIX: ensino normal e anúncios de progresso*. (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Pernambuco. Recife, 2010. Disponível em: https://repositorio.ufpe.br/bitstream/123456789/3748/1/arquivo223_1.pdf> Acesso em: 17 out. 2020.

GOVERNO PROVISÓRIO DO ESTADO. *Diário de Pernambuco*. Recife, 19 out. 1930, p. 01. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/029033_11/2119> Acesso em: 18 out. 2020.

GUIMARAES, Maria Beatriz Monteiro. *Saberes consentidos conhecimentos negados. O acesso à instrução feminina durante o início do século XIX em Pernambuco*. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Pernambuco. Recife, 2002. Disponível em : https://repositorio.ufpe.br/bitstream/123456789/4810/1/arquivo5997_1.pdf> Acesso em: 16 out. 2020.

LOBSTEIN, Dominique. *Dictionnaire des Indépendants*. Dijon: Échelle de Jacob, 2003.

PHOTOGRAPHIA PIERECK. *Diário de Pernambuco*. Recife, 16 jan. 1909. Disponível em : http://memoria.bn.br/DocReader/029033_08/10535?pesq=Louis%20Piereck> Acesso em : 09 out. 2020.

MAURICIO, Virgílio. Fédora do Rego Monteiro. Sua exposição. *Jornal Pequeno*. Recife, 05 mar. 1917, p. 02. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/800643/24277>> Acesso em: 17 out. 2020.

FERNANDES, Fédora Monteiro. *Uma interessante palestra com a ilustre pintora brasileira D. Fédora Monteiro*. (Entrevista concedida ao Jornal Pequeno). *Jornal Pequeno*. Recife, 05 mai. 1920, p. 01. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/800643/30515>> Acesso em: 17 out. 2020.

_____. *Programa da cadeira de Desenho Artístico*. Arquivos da Escola de Belas Artes do Recife, dossiê 226 (Universidade Federal de Pernambuco – Memorial Denis Bernardes, Recife) 01 mar. 1949.

_____. *Programa da cadeira de Desenho Artístico*. Arquivos da Escola de Belas Artes do Recife, dossiê 226 (Universidade Federal de Pernambuco – Memorial Denis Bernardes, Recife) 1954.

REVISTA CATOLICA DA FAMILIA. Recife, 25 jul. 1917.



SANTOS, Yan Soares. *A Sociedade de Propagadora da Instrução Pública e suas ações de qualificação profissional em Recife (1872-1903)*. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Pernambuco. Recife, 2014. Disponível em: <<https://repositorio.ufpe.br/bitstream/123456789/12919/1/DISSERTAÇÃO%20Yan%20Soares%20Santos.pdf>> Acesso em: 17 out. 2020.

SILVA, Beatriz de Barros Melo. *A pedagogia da Escola de Belas Artes do Recife – Um olhar a mais*. (Mestrado em História) – Universidade Federal de Pernambuco. Recife, 1995.

SIMIONI, Ana Paula. As mulheres na escola nacional de belas artes: gênero e formação artística em tempos de república. In: CVALCANTI, Ana Maria; DAZZI, Camila; VALLE, Arthur (Org.). *Oitocentos – arte brasileira do Império à Primeira República*. Vol. 1. Rio de Janeiro: EBA/UFRJ/Dezenove&Vinte, 2008, p. 73-80. Disponível em: <https://www.academia.edu/23975200/2008_Oitocentos_Tomo_I_Arte_Brasileira_do_Império_à_Primeira_República_Organização_Ana_Maria_Tavares_Cavalcanti_Arthur_Valle_e_Camila_Dazzi_1_ed_Rio_de_Janeiro_EBA_UFRJ_DezenoveVinte_ISBN_978_85_87145_25_3> Acesso em: 17 out. 2020.

SOCIETE DES ARTISTES FRANÇAIS. *Salon des Artistes Français*. Paris, 1914. Catálogo de exposição do Salão dos Artistas Franceses, realizado no Palais des Champs-Élysées, em Paris. 1914.

VIDICA, Ana Rita e ALVES, Rafael Delfino. Fotopinturas e filtros do Instagram: modos de encenação do retrato fotográfico. In: II Seminário Internacional de Pesquisa em Arte e Cultura Visual, 2008, Goiânia. *Anais do Seminário Internacional de Pesquisa em Arte e Cultura Visual*. Goiânia: Universidade Federal de Goiás, 2018. p. 157-166. Disponível em: <https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/778/o/LA_ANA VIDICA_RAFAEL_ALVES_IISIPACV2018.pdf> Acesso em: 17 out. 2019.

ZACCARA, Madalena (org.). *De Sinhá prendada a artista visual : os caminhos da mulher artista em Pernambuco*. Recife: Editora do organizador, 2017.

_____. Uma artista mulher em Pernambuco no início do século XX: Fédora do Rego Monteiro Fernandez. *19&20*. Rio de Janeiro, v. 6, n. 1, 2011. Disponível em: <http://www.dezenovevinte.net/artistas/frm_mz.htm> Acesso em: 20 out. 2020.